



## IDEIA DISTINTA DO QUE COMPETE À MENTE OU AO NOSSO CORPO VIVO E ORGÂNICO

ANTON WILHELM AMO

Tradução, apresentação e notas de Fernando de Sá Moreira<sup>1</sup>

### Apresentação

No dia 29 de maio de 1734, a tradicional Universidade de Wittenberg, localizada no Eleitorado da Saxônia, promoveu uma banca de avaliação que certamente nos chamaria a atenção. Em um dos auditórios da universidade encontrava-se o jovem estudante Johannes Theodosius Meiner, cuja missão era defender as ideias presentes em um curto trabalho escrito em latim com o título de *Disputação filosófica contendo a ideia distinta do que compete à mente ou ao nosso corpo vivo e orgânico*. Embora seja muito fácil pensar que Meiner era o autor do trabalho, isso não é verdade. O verdadeiro autor das ideias postas à prova naquela ocasião estava também presente, e detinha a tarefa de presidir os trabalhos. Seu nome era Anton Wilhelm Amo, um africano do Golfo da Guiné em plena Alemanha do século XVIII.

Amo é um filósofo *sui generis*. Ele nasceu em Axim, uma cidade localizada na costa da atual Gana, isto é, no território que na época era conhecido pelos europeus como “Costa do Ouro”. Não se sabe ao certo sua data de nascimento, mas ocorreu certamente por volta de 1700. Ainda muito jovem, Amo foi escravizado e transportado para a Europa pela Companhia Holandesa das Índias Ocidentais. Entre 1707 e 1708, foi dado pela Companhia ao regente do principado alemão de Braunschweig-Wolfenbüttel, onde recebeu o nome de Anton Wilhelm. Seu destino mais provável seria o de servir até o fim da vida como um mouro-de-câmara (*Kammermohr*) ou um mouro-da-corte (*Hofmohr*), ou seja, uma espécie de serviçal negro que certas cortes europeias gostavam de ter aos seus serviços, entre outras coisas porque se destacavam como artigos de luxo da corte.

Entretanto, de algum modo, Anton Wilhelm Amo criou para si um outro destino. Não se sabe bem como isso foi possível, mas o fato é que, em 1727, ele se matriculou como estudante na Universidade de Halle, onde defendeu uma disputação com o tema “Sobre o direito dos

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia na Faculdade de Educação e no Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFF. Doutor em Filosofia pela PUCPR. E-mail: fernandosm@id.uff.br.

mouros na Europa” em 1729, pouco antes de se mudar de cidade. Ele voltaria ainda para Halle como professor alguns anos depois, mas não sem antes passar pela Universidade de Wittenberg, onde se matriculou como estudante em 1730 e recebeu o título de “Mestre em Filosofia e Artes Liberais” no mesmo ano.

Além de estudar em Halle e Wittenberg, ele trabalhou também na Universidade de Jena, antes de conseguir, entre 1746 e 1747, ser repatriado para a África pela mesmíssima Companhia escravista que o tinha originalmente levado para a Europa. Amo permaneceu no continente africano até sua morte, que ocorreu em algum momento depois de 1753. Consta que era reputado como um homem sábio por europeus e africanos.

Contudo, treze anos antes de seu retorno, em 1734, ele publicou em Wittenberg duas de suas obras mais conhecidas, que ganharam a forma impressa depois de submetidas a defesas públicas na universidade. O primeiro trabalho, defendido em abril pelo próprio Amo, ficou conhecido como *Sobre a impassividade da mente humana*. Ele teve como principal objetivo defender que, na relação entre a mente e o corpo, a mente é absolutamente ativa e, portanto, não lhe cabe qualquer passividade. A principal consequência disso é que a faculdade de sentir e as sensações não podem dizer respeito à mente, mas somente ao corpo.

Em outras palavras, Amo defendeu uma perspectiva epistemológica em que ele dialoga com os dualismos metafísicos do período, mas, simultaneamente, se afasta deles. Parte importante desse trabalho consiste na busca por identificar as contradições na tradição filosófica, especialmente no que se refere à compreensão da sensibilidade e da vitalidade.

O segundo trabalho de 1734 é justamente este traduzido a seguir, que pela primeira vez é apresentado em língua portuguesa. Sua defesa pública aconteceu apenas cerca de um mês depois do primeiro. Mesmo uma rápida leitura permite ver que ambas as obras estão estreitamente conectadas. Depois de enfrentar a questão mais polêmica a respeito da impassividade da mente e, portanto, da ausência nela de faculdade de sentir e sensações, Amo enfrenta em *Ideia distinta* duas questões centrais: (1) Quais são e como se relacionam os diferentes atos da mente humana, especialmente nas esferas do conhecer, do querer e do agir? E (2) quais são as competências da mente, e quais são as competências do corpo no que se refere àquilo que é tradicionalmente atribuído à mente humana?

Como resultado desse empreendimento filosófico, é possível perceber um esforço consciente de Amo em produzir uma filosofia que saiba reconhecer não apenas o papel da mente na produção do conhecimento e nas ações da vida, mas também reconhecer e bem demarcar o lugar fundamental do corpo para a atividade humana.

Em termos de estilo de escrita e argumentação, ambos os textos podem soar um pouco estranhos ao leitor atual. São textos muito mais curtos do que se esperaria de uma dissertação filosófica em nossos dias. Porém, estão de acordo com as práticas universitárias da época. De fato, é importante ter em mente que ambos os trabalhos foram produzidos para serem submetidos a defesas públicas. Para os padrões acadêmicos das universidades alemãs no século XVIII, em uma defesa pública, mais importante do que o tamanho e detalhamento do texto era a apresentação oral das ideias e, sobretudo, a capacidade de bem responder aos problemas postos pela banca de avaliação. O texto mesmo servia como uma espécie de apoio à apresentação oral, um guia que buscava deixar clara a conexão entre os argumentos principais, sem se preocupar em detalhar, exemplificar e pormenorizar todas as colocações.

A estrutura do texto de *Ideia distinta* é bastante simples. A obra é dividida em dois capítulos. Cada capítulo é subdividido em membros. Dentro de cada membro é possível encontrar eventualmente uma nova subdivisão, as seções. E, por fim, dentro de cada membro ou seção podem ser encontrados alguns parágrafos numerados (§). Capítulos, membros, seções e parágrafos compõe o corpo argumentativo da obra. Ao final do trabalho, encontra-se uma carta de saudação escrita por Amo, o presidente da banca, a Meiner, o estudante que defendeu a disputação, conforme era bastante comum na época.

O movimento geral da argumentação em *Ideia distinta* é bastante semelhante ao apresentado em *Sobre a impassividade da mente humana*. Parte-se dos objetos mais gerais para depois seguir para os mais específicos. Nesse sentido, o primeiro capítulo é dedicado à definição e elucidação dos conceitos em debate, especialmente corpo, mente, espírito e atos da mente. Por sua vez, o segundo capítulo busca localizar o problema dentro das considerações históricas sobre o tema e aplicar os conceitos centrais, mostrando suas consequências para o debate sobre corpo e mente. Está em jogo ali especialmente determinar quais são as competências da mente e as competências do corpo naquilo que diz respeito ao intelecto, à vontade, à faculdade sensitiva, à liberdade, à fantasia/imaginação, à memória e ao hábito.

Desde sua publicação, a recepção dos trabalhos filosóficos de Amo foi paradoxal. De modo geral, aqueles que leram seus textos costumam ter uma impressão positiva deles. Porém, a maior parte dos comentários sobre Amo nas publicações desde o século XVIII costuma dar mais atenção ao inusitado que era sua existência no meio acadêmico alemão do que ao conteúdo de suas reflexões filosóficas.

Talvez não seja o caso de hierarquizar o estudo da vida e o estudo da obra. De certo modo, seu caso aponta para a intuição de que toda filosofia é situada e contextualizada. Olhar

para Amo é descobrir um longo e complexo jogo de apropriações e reapropriações que sua figura suscitou ao longo da história. É preciso enfrentar muitos equívocos, mas também compreender seu papel desde o interior de seus textos, e também desde os encontros de lugares e não-lugares que trançaram sua existência. O fato é que a vida e as obras de Amo são ainda um território aberto para a investigação. Boa leitura!

## REFRÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMO, Anton Wilhelm. *Anton Wilhelm Amo's philosophical dissertations on mind and body*. Edited, translated, and with an introduction by Stephen Menn and Justin E. H. Smith. New York: Oxford University Press, 2020.

AMO, Anton Wilhelm. *Disputatio philosophica continens ideam distinctam eorum quae competunt vel menti vel corpori nostro vivo et organico*. Wittenberg: Literis Viduae Kobersteinianae, 1734. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=WUtSAAAACAAJ>. Acesso em: 01 jun. 2023.

AMO, Anton Wilhelm Amo. *Sobre a impassividade da mente humana*. Tradução de Fernando de Sá Moreira. Versão 30-mai-2023. Disponível em: <https://amoafet.wordpress.com/apatheia-ebook/>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BLUMENBACH, Johann Friedrich. “Einige naturhistorische Bemerkungen bey Gelegenheit einer Schweizerreise. Vom Hrn. Prof. Blumenbach – Von den Negern”. *Magazin für das Neueste aus der Physik und Naturgeschichte*, Gotha, v. 4, n. 3, 1787.

FIRLA, Monika. Anton Wilhelm Amo (Nzema, heute Republik Ghana): Kammermohr – Privatdozent für Philosophie – Wahrsager. *Tribus: Jahrbuch des Linden-Museums*, Stuttgart, Nr. 51, p. 56-89, Dez. 2002.

GRÉGOIRE, Henri. *De la littérature des Nègres, ou Recherches sur leurs facultés intellectuelles, leurs qualités morales et leur littérature; suivies de Notices sur la vie et les ouvrages des Nègres qui se sont distingués dans les Sciences, les Lettres et les Arts*. Paris: Maradan, 1808.

NASCIMENTO, Carlos Eduardo Gomes. Anton Wilhelm Amo: filósofo negro no iluminismo e a descolonização da filosofia nas escolas. *Kínesis*, Marília, vol. X, n. 24 (Edição Especial), p. 179-195, dez. 2018.

SÁ MOREIRA, Fernando. A Infância do Filósofo Anton Wilhelm Amo em África. *Fênix*, Uberlândia, v. 19, n. 2, p. 186-207, 2022.

WÖCHENTLICHE *Hallische Frage- und Anzeigungs-Nachrichten*, Halle, n. XVIII, p. 271-273, 28 nov. 1729.

### Edições compatíveis das obras mencionadas por Amo no texto:

DESCARTES, René. *Epistolæ. Pars Prima*. Amsterdam: Apud Danielelem Elzevirium, 1668. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=k3cj9sV9vJ8C>. Acesso em: 01 jun. 2023.

DESCARTES, René. *Epistolæ. Pars Secunda*. Amsterdam: Ex Typographia Blaviana, 1682. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ZYEPAAAAQAAJ>. Acesso em: 01 jun. 2023.

AMO, Anton Wilhelm. *De humane mentis apatheia*. Wittenberg: Ex Officina Schlomachiana, 1734. Disponível em: <https://amofer.wordpress.com/apatheia-ebook/>. Acesso em: 01 jun. 2023.

LE CLERC, Jean. *Logica, Ontologia et Pneumatologia*. Editio Quinta. Londres: Typis Johan. Churchill, 1716. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=nEUVAAAAQAAJ>. Acesso em: 01 jun. 2023.

MELANCHTHON, Philipp. *Liber de Anima Recognitus*. Wittenberg: Excudebat Iohannes Crato, 1558. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=MAw54if6hFoC>. Acesso em: 01 jun. 2023.

EPITETO. *Epicteti Enchiridium una cum Cebetis Thebani Tabula*. Delft: Apud Viduam Gerardi de Jager, 1683. Disponível em: <https://books.google.com/books?id=HnIUAAAAQAAJ>. Acesso em: 01 jun. 2023.

AUGUSTINUS A VIRGINE MARIA. *Aristoteles Reseratus*. Lyon: Apud H. Boissat, & Gremevs, 1664. Disponível em: <https://books.google.com/books?id=1kixLHbTbEEC>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BIBLIA SACRA VULGATÆ EDITIONIS. Bamberg: Wolfgangi Mauriti Endteri, 1714. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=WTJfAAAAcAAJ>. Acesso em: 01 jun. 2023.

OVÍDIO. *Opera Omnia IV*. Amsterdam: Apud R. & J. Wetstenios, & G. Smith, 1727. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=nvzfFU3saMYC>. Acesso em: 01 jun. 2023.

*QUE DEUS TRANSFORME EM ALGO BOM.*

DISPUTAÇÃO FILOSÓFICA

*CONTENDO A*

IDEIA DISTINTA

DO QUE COMPETE

À MENTE OU AO NOSSO CORPO

VIVO E ORGÂNICO,

A QUAL,

COM O CONSENTIMENTO DA MAIS AMPLA ORDEM DOS FILÓSOFOS,

*SOB A PRESIDÊNCIA DO*

**MESTRE ANTON WILHELM AMO,**

AFRICANO DA GUINÉ,

NO AUDITÓRIO FILOSÓFICO

NO DIA 29 DE MAIO DE 1734,

*FOI DEFENDIDA POR*

**JOHANNES THEODOSIUS MEINER,**

DE ROCHLITZ EM MEISSEN,

FILÓSOFO E CANDIDATO DE AMBOS OS DIREITOS.

*WITTENBERG: VIÚVA KOBERSTEIN.*

## CAPÍTULO I

### Contendo os Pontos Preliminares

*Advertência sobre a rubrica<sup>2</sup> desta disputa<sup>3</sup>.* Por ideia distinta do que compete à mente ou ao nosso corpo vivo e orgânico, entendo: o conhecimento daquilo que, nas ações humanas, por si e sempre, compete ou apenas à mente, ou apenas ao nosso corpo vivo e orgânico.

*Nota.* Compete à mente o que quer que esteja situado exclusivamente na faculdade de pensar; e compete ao corpo o que quer que seja exclusivamente da faculdade sensitiva e esteja imediatamente nos sentidos. Confira o *Sr. Descartes*, ou *Cartesius*, em *Cartas*, parte 1, carta 99, exame do programa, artigo 12, e no mesmo lugar, na explicação do programa, n.º 1. Lá consta o seguinte: “*A mente humana é onde são realizadas primeiramente as ações cogitativas pelo homem; e ela consiste somente na faculdade e princípio interno de pensar*”. Além disso, que a faculdade sensitiva compete apenas ao corpo, confira o que deduzimos de forma mais alongada na totalidade do capítulo II de nossa dissertação inaugural *Sobre a ἀπαθεία [impassividade] da mente humana*.

## MEMBRO I

### Contendo os pontos gerais

*Advertência sobre a rubrica deste membro.* Por pontos gerais entendo aqui: as coisas que devem ser explicadas preliminarmente, como que em razão do método, para que as coisas a fazer procedam mais corretamente em ordem.

#### §1

Antes de tudo, surgem as seguintes questões: (1) o que é nosso corpo; (2) o que é a mente humana; (3) o que é uma operação da mente humana em geral; (4) quais são as diversas

---

<sup>2</sup> “Rubrica” (*rubrum*) significa aqui o título imediatamente anterior à advertência.

<sup>3</sup> Uma disputação (*disputatio*) consistia, nas universidades da Europa Central, em uma forma de trabalho acadêmico-filosófico. Em uma disputação, um estudante era submetido a uma banca de professores, diante dos quais deveria defender uma tese filosófica. A tese em si poderia possuir uma versão escrita, a qual poderia ou não ser publicada em uma versão impressa. Na banca de avaliação, um professor assumia o papel de presidente e ao menos um outro professor assumia o papel de oponente. O trabalho escrito era normalmente uma espécie de guia para a apresentação oral; e, de modo geral, esta última era mais importante do que o texto. O tema da disputação poderia ser escolhido pelo próprio estudante, mas era muito comum que o professor fosse responsável pela escolha. Mesmo o texto da dissertação poderia ser completamente redigido pelo professor. Esse é o caso do presente trabalho. Embora ele tenha sido defendido publicamente por Meiner, foi escrito por Amo, que, ao mesmo tempo, presidiu a banca de defesa oral.

operações da mente em geral, a saber: (a) o que é um ato do intelecto, (b) o que é a vontade, (c) o que é um ato eficiente ou efetivo?

*Nota.* O que é a mente humana e o que é nosso corpo vivo e orgânico, dissemos em nossa dissertação *Sobre a ἀπαθεία [impassividade] da mente humana*: o que é a mente, no cap. I, membro I, §3;<sup>4</sup> o que é o corpo, no mesmo lugar, na nota 3.<sup>5</sup> Portanto, passa-se a seguir à próxima questão.

## §2

### I. O que é uma operação da mente em geral

Por operação da mente em geral entendo: um ato da mente com consciência (*Bewusstsein*) e *intenção*, um ato *de pensar* por meio de ideias e sensações, e *de verificar*<sup>6</sup> o que é pensado.

*NOTA.* Sobre o que é *intenção*, confira a dissertação mencionada *Sobre a ἀπαθεία [impassividade] da mente humana*, cap. I, membro I, §1, nota II.<sup>7</sup>

*EXPLICAÇÃO I.* Por *verificação* entendo: conseguir pelos meios empregados o fim que pretendemos.

*EXPLICAÇÃO II.* *Pensar* é: qualquer ato da mente por meio de ideias e sensações.

## §3

### II. Quais são as diversas operações da mente em geral

O ato da mente é triplo, relativamente ao objeto em torno do que, e ao fim que pretende. A saber: (1) o ato intelectual da mente, ou do intelecto; (2) o ato da mente de querer e não querer; (3) o ato da mente eficiente ou efetivo. Este último é um efeito dos dois primeiros.

*NOTA I.* Essa triplicidade do ato da mente é una, tanto *numericamente* quanto *especificamente*; e recebe de certo modo suas diferenças relativas do objeto e do fim.

---

<sup>4</sup> Na passagem mencionada, Amo afirma que: “A mente humana é: uma substância puramente ativa e imaterial, em comércio com um corpo vivo e orgânico no qual está inserida, que atua intelectivamente, e opera a partir de intenções, em vista a um determinado fim, do qual é consciente”.

<sup>5</sup> Segundo a passagem: “Existem duas partes essenciais no homem, a mente e o corpo. O que havia a dizer sobre a mente já está dito. Sobre o corpo, ele é: ‘fabricado elegantissimamente por um criador a partir de diversos órgãos vitais e animais, e depois propagado por geração’. São palavras do Sr. CHRISTIAN VATER em sua *physiolog.*, seção VIII, cap. III, *Sobre o corpo humano*, tese I”. Note que, na verdade, trata-se da seção VII do livro de Vater.

<sup>6</sup> Como se torna mais claro ao longo do trabalho, Amo usa o verbo “verificar” e o substantivo “verificação” com um sentido um pouco distinto do que estamos acostumados em português. Para o filósofo africano, “verificar” é o mesmo que tornar verdadeiro ou real um objeto da vontade e do conhecimento através da ação, ou seja, é um sinônimo de “realizar” ou “agir efetivamente”.

<sup>7</sup> Segundo a passagem mencionada: “Por *intenção* entendemos: aquela operação do espírito, em que se reconhece algo que se torna a finalidade da ação”.

*PROVA I.* O que quer que pensemos ou é uma *sensação*, ou uma *coisa*: mas cada uma delas é diversa, portanto, também a operação da mente o é, na medida em que coisas e sensações, que são diversas em sua natureza, estão contidas nela, isto é, em razão do objeto e fim daquele que pensa.

*NOTA II.* O objeto em torno do que é pretendido é ou um meio ou um instrumento, e algo outro é sempre almejado através dele. O fim é aquilo que, alcançado e presente, a mente cessa sua operação prévia e se satisfaz, sendo ou *sensação*, ou *ideia*, ou *coisa*.

*PROVA II.* A mente não se ocupa da mesma forma com todas as coisas. Pois a mente se ocupa de forma distinta com as coisas inteligíveis, com as coisas desejáveis e com as coisas a serem feitas; e tudo isso depende da relação com o objeto e com o fim.

## MEMBRO II.

### Contendo as especificidades de qualquer ato da mente em particular

#### *Seção I*

##### I. Sobre o intelecto ou ato intelectual da mente

*Advertência sobre a rubrica desta seção.* Esse ato intelectual da mente é chamado comumente de intelecto; mas não sem alguma ambiguidade. Pois o intelecto é ou a *mente mesma*, ou uma *ideia*, ou uma *operação da mente*. [(1)] Ele significa a mente mesma quando se diz que: “o intelecto entende, raciocina, etc.”, onde seria preferível: “a mente entende, raciocina, etc.”. Confira o *Cursus Philosophicus Aristotelico-Thomisticus*, tomo V, Aristóteles, *De Anima*, livro I, cap. III, “A alma não é um corpo que se move e pode ser movido; no Dr. Tomás de Aquino, lições 6, 7 e 8”<sup>8</sup>, p. 234, n.º 2, nos seguintes termos: “Se o intelecto for uma grandeza, de que maneira ele entende [...]”, etc; e no mesmo lugar, n.º 4, assim: “Desde que o movimento do intelecto seja a *intelecção* [...]”, etc; onde seria melhor usar “*mente*” no lugar de “*intelecto*”. Por exemplo: “Se a mente for uma grandeza [...]”, etc; “[...] o movimento da

---

<sup>8</sup> Trata-se, na verdade, do tomo VI (não do V) do *Curso de Filosofia Aristotélico-Tomista* publicado em vários volumes por Augustinus a Virgine Maria (também conhecido como Guillaume de Goazmoal). O tomo em questão também é conhecido como *Aristoteles Reseratus*, sendo assim referido mais adiante nesta mesma dissertação por Amo, que se equivoca mais uma vez com o número do tomo. Na obra em questão há traduções de três textos de Aristóteles, entre eles o *De Anima*, de onde sai as citações de Amo. Por sua vez, a sentença “A alma não é um corpo...” não é uma citação de Aristóteles, mas, na verdade, apenas uma referência ao título que o livro III recebe na edição de Augustinus. O mesmo se passa com a menção a Tomás de Aquino. Ela apenas reproduz o que é apresentado como uma espécie de legenda do capítulo III do *De Anima*, pois Tomás de Aquino subdividia o livro em lições ao invés de capítulos. Augustinus – e Amo na esteira dele – não está citando Tomás de Aquino, mas apenas indicando que o referido capítulo III corresponde às lições 6, 7 e 8 na subdivisão utilizada por Tomás de Aquino para a obra de Aristóteles.

mente seja a intelecção [...]”, etc. De outra forma, tais locuções soam como se disséssemos: “o ato de falar fala”, ou “a fala fala”, etc. (2) O termo “*intelecto*” é no sentido de “*ideia*” e, portanto, “*intelecto*” e “*intelecção*” como sinônimos: a saber, qualquer ideia distinta. (3) “*Intelecto*” é usado com o sentido de “*operação da mente*”: aquela operação da mente, que atua intelectivamente de forma confusa ou distinta (em alemão, *der Verstand*), e nomeamos esse intelecto de “ato intelectual da mente”.

#### §1

Portanto, o intelecto em geral é para nós: aquele ato da mente pelo qual ela se faz consciente das coisas.

*NOTA.* Do que quer que a mente se faça consciente ou é uma *coisa*, ou uma *sensação*.

*Razão.* Nada há no intelecto, que antes não tenha estado nos sentidos. *Philipp Melanchthon, Tractatus de Anima*, sobre a potência de sentir, questão 1, “o que é a potência de sentir?”, etc. Isto é: nada há no ato intelectual da mente que antes não tenha sido percebido pelos sentidos. Mas nada é percebido sem afetar os sentidos. Tudo que afeta os sentidos é uma coisa sensível, a saber, matéria.

#### §2

Esse ato intelectual da mente é ou *momentâneo* ou *reflexivo*.

#### §3

O ato intelectual da mente é momentâneo: quando a mente humana não investiga, a respeito da coisa da qual é consciente, a origem, a existência, a essência e outros tópicos pertinentes; mas simplesmente aplica ideias, em direção ao fim do qual é consciente. Tal ato é, em outras palavras, ou anterior ou posterior à reflexão. Há pouco dissemos que um tal ato anterior à reflexão é, por exemplo, a representação, a atenção, a enumeração ou revisão das coisas, etc; e nisso não estão incluídas as ideias adquiridas por meio da razão judiciosa. É posterior à reflexão, por sua vez, quando a mente simplesmente aplica ideias adquiridas por meio da razão judiciosa, em vista de um fim do qual é consciente; por exemplo, como no ato de definir, onde a mente compõe ideias judiciosas, etc. O mesmo se passa na divisão, no raciocínio, em silogismos, demonstrações, etc.

#### §4

*O ato intelectual da mente é reflexivo:* quando a mente investiga realmente o quanto pode, com retidão e adequação, a respeito da coisa da qual é consciente, a origem, a existência, a essência e outros tópicos pertinentes, a fim de entender, tanto quanto é possível, essa coisa perfeitamente tal como ela é em si mesma.

§5

O seja, tal ato ou é *adequado* ou *menos adequado*. É adequado quando a mente entende distintamente tudo o que está em uma coisa conhecida; É inadequado quando não entende tudo e o faz menos distintamente. Ambas as condições dizem respeito aos *sentidos*, à *coisa a ser conhecida*, e à *intenção* da mente cognoscente.

*Seção II*

II. Sobre a vontade

ADVERTÊNCIA. A vontade, na medida em que é a faculdade da mente de querer e não querer, não deve ser confundida com o instinto natural, que será explicado em breve.

§1

*A vontade é*: um ato da mente através de ideias, visando alcançar um fim, mas levando em consideração a concordância e discordância com o *instinto natural* imediatamente concorrente com a premeditada *decisão da mente*.

*EXPLICAÇÃO I. O instinto natural é*: a propensão à presença e uso do que é agradável e bom, e ausência do que é desagradável e mau; ou conforme *Philipp Melanchthon*, na mesma obra, sobre os sentidos internos, questão “o que é a potência apetitiva?”, é: “*a faculdade de perseguir ou evitar objetos*”.

*NOTA*. Com as bestas, nós temos naturalmente em comum as sensações, a faculdade sensitiva e o instinto natural. Sobre o instinto natural, confira *Epiteto* em *Encheiridion*, cap. 38,<sup>9</sup> onde consta: “*É pois inerente por natureza ao gênero de todos os seres vivos que eles evitem e repilam aquilo que é visto como nocivo e suas causas; e, em contrapartida, que persigam e admirem as coisas que são úteis e suas causas*”, etc. Que a faculdade sensitiva e as sensações são comuns a nós e às bestas é provado pelo fato de que numerosos animais, enquanto são animais, não podem carecer de vida e sensações. Confira o *Reverendo Padre AUGUSTINUS A VIRGEM MARIA* em *ARISTOTELES RESERATUS*, tomo V, no livro I do *DE ANIMA* de Aristóteles, p. 245, nas seguintes palavras: “*pois parecem viver [...]*”, etc.<sup>10</sup>

*EXPLICAÇÃO II. Uma decisão da mente é*: uma operação sua que estabelece para si algo que deve ser feito ou negligenciado em vista a um fim do qual é consciente.

---

<sup>9</sup> O livro *Encheiridion* é também muito conhecido como o *Manual* de Epiteto. Desde o século XIX, a passagem não costuma mais ser numerada como capítulo 38, mas como capítulo 31.

<sup>10</sup> Amo se equivoca novamente com o número do tomo da obra de Augustinus a Virgem Maria. A passagem citada de Aristóteles encontra-se, na verdade, no tomo VI e localiza-se, mais especificamente, no livro I, 5 do *De Anima*.

NOTA. Em razão desta decisão da mente, a mente opera ou *δεσποτικῶς* [despoticamente], ou *πολιτικῶς* [politicamente]. Essas são palavras de *Philipp Melanchthon*, que diz assim, na mesma obra, *De Anima*, sobre os sentidos internos: “Assim, há no homem um duplo governo, o primeiro *δεσποτικῆ* [despótico], no qual a mente e a vontade impelem a locomoção”, etc.; e continua pouco depois: “O segundo governo no homem é aquele denominado *πολιτικῆ* [político], no qual não apenas os membros externos são constrangidos pela força locomotiva, mas o próprio coração está de acordo com a reta razão, vontade honesta, sendo movido por persuasão, como quando o filho de Teseu, Hipólito, se absteve da madrasta Fedra”. Onde a mente opera no comando, todas essas coisas ocorrem bem. Mas não raro também ela opera de modo indulgente com o instinto natural, e deste modo resultam ações injustas e más. Ao passo que, daquele outro modo, resultam ações justas e boas, isto é, quando impera sobre o instinto natural, no exercício da verdade conhecida anteriormente. De acordo com o *Gênesis 4*, “esteja sob ti teu apetite, e o domines”.<sup>11</sup> Aquele que é indulgente com o instinto natural, é como se dissesse: “vejo as melhores coisas e as aprovo, mas persigo as piores”.<sup>12</sup>

### Seção III

#### III. Sobre o ato efetivo da mente

*O ato efetivo da mente é:* por onde a mente, mediante o comércio com o corpo e pelos meios empregados, pretende obter um fim. Ele é variado (tal como o ato intelectual e volitivo) em razão do objeto e fim.

NOTA. No ato intelectual, é tomada intelectualmente ou uma substância ou uma propriedade. Das duas uma, ou uma substância é um espírito, ou é matéria. E uma propriedade ou é espiritual, ou material. No ato da mente de querer e não querer refere-se ou à simples sensação, que é ou agradável ou desagradável, ou à conservação e destruição das coisas e do corpo humano, ou, por fim, à perfeição e imperfeição das coisas e do homem. No ato eficiente ou efetivo refere-se aos meios, instrumentos e suas aplicações. Do ato intelectual resultam

---

<sup>11</sup> A passagem bíblica citada é mais precisamente *Gênesis 4:7*. Por alguma razão, a versão do trecho na Vulgata é um pouco diferente da apresentada por Amo. Na Vulgata o trecho é traduzido ao latim da seguinte forma: “sub te erit appetitus ejus, & tu dominaberis illius”.

<sup>12</sup>/ Trata-se de uma citação de Ovídio (*Metamorfoses*, VII, 20-21), embora no texto do poeta romano não é usada a palavra “mas” (“sed”). Amo geralmente é cuidadoso ao indicar suas fontes, mas deixou essa passar quase despercebida. Trata-se, todavia, de um trecho razoavelmente popular na primeira metade do século XVIII. É possível que ele tenha tomado a citação de outra fonte que não a própria obra de Ovídio.

*coisas intelectuais; do ato de querer e não querer, coisas morais; do ato efetivo, coisas políticas e artificiais. Até aqui foram os pontos preliminares.*

## CAPÍTULO II

### Contendo as aplicações daquilo que foi dito

#### MEMBRO I

##### *Estado da controvérsia*

*Tese.* Todas as coisas que são efeito do exercício da intenção da mente humana devem ser atribuídas à mente, na medida em que têm sua natureza a partir da consciência (*Bewusstsein*) e da decisão premeditada da mente; mas na medida em que são efeito da sensação, da faculdade sensitiva, e do instinto natural, considerados simplesmente em si, competem ao nosso corpo vivo e orgânico.

*NOTA.* Essas coisas são ditas e defendidas contra aqueles que são implicitamente de opinião contrária; confira nossa dissertação *Sobre a ἀπαθεία [impassividade] da mente humana*, cap. II, p. 13-14. Mas nominalmente contra Jean Le Clerc, em *Pneumatologia*, seção I, cap. III, §2, p. 14, onde consta: “Sete são as distintas faculdades da mente, que vale a pena considerar separadamente: (1) o intelecto; (2) a vontade; (3) a faculdade sensitiva; (4) a liberdade; (5) a fantasia; (6) a memória; e (7) o hábito adquirido através da repetição de várias ações”.

#### MEMBRO II

### Contendo as aplicações específicas

#### §1

I. *INTELECTO.* O que seja o intelecto, dissemos no capítulo I, membro II, seção I. Na verdade, ele diz respeito à mente, na medida em que a ele compete a consciência e a operação da mente por ideias desde uma decisão premeditada. Todavia, ele diz respeito ao corpo, na medida em que as ideias pelas quais a mente opera são sensações representadas. Afinal, a sensação e a faculdade sensitiva competem ao corpo, conforme foi dito na dissertação *Sobre a ἀπαθεία [impassividade] da mente humana*, cap. II, membro único, tese I, negativa, na explicação com nota. Do mesmo modo, temos em comum com as bestas qualquer coisa que caiba na *denominação de animalidade*. Isso não compete à mente, mas ao corpo. Com efeito, sob a *denominação de animalidade*, nós temos em comum com as bestas as sensações e a faculdade sensitiva, etc. A premissa menor é provada, porque os numerosos animais que

carecem de mente e razão não podem não gozar de faculdade sensitiva. Confira na mesma obra,<sup>13</sup> cap. I, membro II, seção II, explicação I, na nota, nos seguintes termos: “*faculdade sensitiva [...]*”, etc.

*NOTA.* Invoco a *denominação de animalidade* quando o homem é considerado como animal, e em relação ao corpo vivo e orgânico. De acordo com isso: “*o homem é um animal racional*”; onde o τὸ “*animal*” diz respeito ao *corpo vivo e orgânico*, e o τὸ “*racional*” diz respeito à *mente inteligente*.

§. 2.

II. *VONTADE.* A vontade pode ser predicada da mente *relativamente à consciência e à decisão mental premeditada*, mas não em relação ao instinto natural tal como o definimos no cap. I, membro II, seção II, §1, explicação I. Senão também haveria vontade nas bestas, que desfrutam em absoluto desse instinto natural.

*NOTA.* Em sua definição de vontade, o autor citado explica o mesmo da mesma forma. Pois, declara a vontade pelo [(1)] *querer ou não querer*; (2) pelo ditame da vontade. Confira, na mesma obra, §6, onde consta: “*a vontade é [...] através do que queremos ou não queremos contemplar algo pela mente, ou fazer algo pelo corpo, na medida em que essas coisas dependem do ditame da vontade*”.

§3

III. *FACULDADE SENSITIVA.* Negamos totalmente que diga respeito à mente, e a conferimos ao corpo. Confira toda nossa dissertação Sobre a ἀπαθεία [impassividade] da mente humana.

§4

IV. *LIBERDADE.* Entendemo-la ou acerca da mente somente, ou do homem como um todo. Em relação à mente, a liberdade é a espontaneidade, ou seja, aquela faculdade pela qual a mente estabelece algo que deve ser feito ou negligenciado, sem ser impedida por outra coisa. Ela nunca é absolutamente assim, pelo fato de que a mente não pode não operar mediante o comércio com o corpo; assim como operar por meio de sensações. Confira o Sr. Descartes ou Cartesius, na mesma obra de suas cartas, parte 2, carta 5, n.º 2, nas palavras: “por que de uma

---

<sup>13</sup> Aqui não está claro se Amo se refere a *Sobre a impassividade* ou a *Ideia distinta*. No original Amo usa a sigla “dl.” na passagem, o que sugere que ele faz referência à última obra citada, no caso, *Sobre a impassividade*. Porém, tal obra não possui uma seção II no membro II do capítulo I. Isso sugere que a referência seria, então, ao próprio texto de *Ideia distinta*, que trabalha com o tema da animalidade exatamente na localização indicada. O uso de “dl.” seria então um mero engano. Entretanto, não deve passar despercebido que há também uma passagem sobre a relação entre os animais e a sensibilidade em *Sobre a impassividade*, precisamente no cap. I, membro II, §2, nota.

criança [...]”, etc.<sup>14</sup> Contudo, em relação ao homem como um todo, a liberdade é: a ausência de impedimentos na operação da mente por meio do corpo.

*EXPLICAÇÃO.* Um impedimento é: qualquer coisa que, quando presente, impossibilita a obtenção de fim pretendido.

§5

V. *FANTASIA.* A fantasia é: um ato intelectual momentâneo da mente, anterior a uma reflexão suficiente, no qual a mente, em concordância com a índole do instinto natural e dos afetos que estão presentes, representa para si algo como existente, que, contudo, está de fato ausente. Ela não compete de todo à mente, mas apenas no que diz respeito à operação representativa da mente. Quanto à sensação, à faculdade sensitiva e ao instinto natural, ela compete a nosso corpo vivo e orgânico.

§6

VI. *MEMÓRIA.* A memória é: a presença continuada de ideias na disposição cerebral, advindas da operação repetitiva da mente, executada mais do que uma vez, e preservadas em favor de um fim futuro. Essa compete à mente relativamente ao ato repetitivo da mente, com consciência e decisão premeditada; contudo compete ao corpo relativamente à disposição cerebral e *imanência*.

*EXPLICAÇÃO.* A *imanência* é: a perduração de uma coisa em outra.

§7

VII. *HÁBITO.* O hábito é: A prontidão de agir, adquirida através de ações repetidas mais de uma vez. Compete à mente relativamente à consciência e à operação deliberada da mente; mas ao corpo relativamente à disposição do sujeito que recebe o hábito.

COROLÁRIO

Qualquer coisa que seja *imutável* no homem compete à mente, porém qualquer coisa que é *mutável com o tempo* compete ao corpo.

É TUDO.

---

<sup>14</sup> Trata-se, na verdade, do ponto 1 da carta, não do ponto 2.

AO SEU  
NOBILÍSSIMO  
JOHANNES THEODOSIUS  
MEINER,  
**O PRESIDENTE**  
OFERECE SUAS MUITAS SAUDAÇÕES.

Você demonstrou publicamente com louvor uma ampla erudição proveniente de uma continuada diligência no que se refere à sabedoria humana, de incansáveis e constantes exercícios, e de céleres acréscimos de grande importância.

Persista nesse caminho com felicidade, como você até agora fez, recomendado pela conduta honesta e pela vida prudente, empenhado no trabalho com as letras. Assim sendo amado pelos mais excelentes homens. Assim será com seu *pai*, que muito deve ser venerado pela *idade*, mestra das coisas, pelos *títulos* de honra, que meritosamente recebeu, e pela  *piedade*, que em sua terra natal, Meißen,<sup>15</sup> adorna com decoro o púlpito sagrado: ele terá em *você* um *filho* que não é indigno de um *tal pai*. Assim sua gente nobilíssima, ilustre pelo esplendor dos méritos dele e de seus ancestrais, verá em *você* as virtudes deles vingarem e continuarem a florescer.

Mas, eu TE parablenizo, NOBILÍSSIMO SENHOR, antes através de uma ótima inclinação de ânimo, do que por meio de circunlóquios.

---

<sup>15</sup> Meißen (em latim: Misnia) é tanto o nome de uma cidade, quanto da região onde esta cidade e outras cidades se localizam. É provável que Amo esteja se referindo à região, pois na folha de rosto da dissertação é dito que Johannes Meiner é oriundo da cidade de Rochlitz, na região de Meißen. Considerando as estradas atuais, Rochlitz está a cerca de 70 km de Meißen; e ambas estão a cerca de 120 km de Wittenberg.